
Mulheres negras e a experiência amorosa: um diálogo a partir do álbum 'ctrl' de SZA¹

Ricardo Ferreira Freitas²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Iris de Souza Lopes³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise do álbum 'CTRL' da cantora e compositora Solana Imani Rowe, conhecida pelo nome artístico SZA. Por meio de estrofes de canções do referido, analisaremos os aspectos que englobam o fenômeno social da solidão da mulher negra norteadada pelas discussões de Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Bell Hooks. O Hip Hop e o R&B têm sido plataformas para mulheres negras, vítimas do racismo e do sexismo, reivindicarem seus espaços. Artistas como Lauryn Hill, Beyoncé e, mais recentemente SZA, têm sido fundamentais na redefinição da imagem e das narrativas das mulheres negras na música, especialmente por permitirem que elas contem suas próprias histórias. Pretendemos analisar as dinâmicas amorosas das mulheres negras, ressaltando que não se tratam de experiências individuais isoladas, principalmente na autopercepção de si e nos relacionamentos amorosos.

PALAVRAS-CHAVE: SZA; Mulheres negras; Relacionamentos afetivos

INTRODUÇÃO

O amor enquanto experiência apresenta diferenças significativas quando se trata de pessoas negras, especialmente mulheres negras, que são afetivamente excluídas em diversos âmbitos da vida. Bell Hooks, em seu texto "Vivendo de Amor", destaca a incapacidade de receber e dar amor entre pessoas negras como um legado da escravidão:

Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor." (HOOKS, 2010).

Esse impacto histórico se refere ao fato de que muitas vezes a sobrevivência emocional depende da repressão de emoções, uma herança que foi adquirida durante a escravidão: "Como

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor da Faculdade de Comunicação Social (FCS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: rf0360@gmail.com.

³ Graduanda de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social (FCS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais.” (HOOKS, 2010)

A solidão da mulher negra permeia a vida de todas elas e em todas as esferas sociais. Mesmo que possam ascender socialmente, a ausência de afeto e parceria é algo que as persegue. Essas mulheres carecem de relações igualitárias, que limitam suas chances de vínculos afetivos saudáveis, por excessivas vezes terem que desempenhar um ideal erótico, porém quando se trata de institucionalizadas essas mesmas mulheres são deixadas à margem. Nesse sentido, reduz-se a imagem das mulheres negras a estereótipos sexuais, perpetuando uma dinâmica desigual, racista e sobretudo violenta. Esse fenômeno é tematizado no pensamento de Beatriz Nascimento que afirma que: “Quanto mais a mulher negra se especializa profissionalmente numa sociedade desse tipo, mais ela é levada a se individualizar. Sua rede de relações também se especializa.” (NASCIMENTO, 2021, p. 228). Essa ascensão social leva à individualização, que, aliada ao racismo, complica as relações afetivas das mulheres negras, contribuindo para que permaneçam solitárias.

CTRL

Nascida no meio-oeste dos Estados Unidos, Solana Imani Rowe, SZA, teve uma infância imersa em música, começando nas igrejas, em uma família com raízes muçulmanas e islâmicas. Ao longo dos anos, ela construiu uma carreira sólida lançando diversos EPs aclamados pela crítica a partir de 2012, explorando uma ampla gama de gêneros musicais, como R&B, Soul, Jazz e Hip Hop. Em 2017, SZA fez sucesso com o seu segundo álbum, “CTRL”, que aborda de forma abrangente questões de gênero e raça, destacando-se pela interseccionalidade de suas letras e temas. SZA usa sua música para explorar as intersecções complexas de identidade, pautadas sobre sexualização dos corpos, proporcionando uma narrativa e identificação rica em suas músicas.

O álbum “CTRL” possui faixas sobre a questão da objetificação de corpos femininos, corpos femininos negros em uma perspectiva amorosa que perpassa por diferentes gêneros e raças. Sua essência é profundamente voltada para as mulheres negras em diversos estratos socioeconômicos, derivada da falta de afeto e da objetificação de seus corpos. Para além das questões afetivas, CTRL consegue se voltar para as incertezas enfrentadas durante a fase dos 20 anos de idade e a solidão que pode causar, principalmente as inseguranças financeiras como podemos observar nas faixas "Prom" e "20 Something":

Sinto que estou perdendo tempo, oh, sim / Feel like I'm wastin' time, oh, yeah

Prometo melhorar um pouco conforme eu envelhecer / Promise to get a little better as I get older
Eu esqueço meu futuro, nunca saio / I forget my future, never pull out
(Sh-sh-vergonha, sh-sh-vergonha para mim) / (Sh-sh-shame, sh-sh-shame on me)
Querido, o dinheiro vai facilitar para mim / Baby, the money'll make it easier for me (ROWE, Prom, 2017).

SZA em 20 Something ressalta:

Como poderia ter 20 e poucos anos, ainda sozinho?/ How could it be 20-something, all alone still?
Nada em meu nome / Not a thing in my name
Não tenho nada, fugindo do amor / Ain't got nothin', runnin' from love
Só conheço o medo /Only know fear (ROWE, 20 Something, 2017).

Angela Davis também nos chama a atenção para os efeitos da opressão de classe. Sobre a objetificação do corpo da mulher negra, a autora nos chama atenção para o fato de que o sexismo não é algo que se situa fora da sociedade, mas se constitui como uma forma de opressão vinculada a outras que necessitam ser combatidas em conjunto. Esse combate requer, entre outros aspectos, uma busca pela interrupção das formas de produção e reprodução do sexismo, que, no contexto capitalista, é criado e recriado tornando-se uma mercadoria sempre mais lucrativa, como é a exploração de classe e o racismo:

O feminismo envolve muito mais do que a igualdade de gênero. E envolve muito mais do que gênero. O feminismo deve envolver a consciência em relação ao capitalismo – quer dizer, o feminismo a que me associo. E há múltiplos feminismos, certo? Ele deve envolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo, às pós-colonialidades, às capacidades físicas, a mais gêneros do que jamais imaginamos, a mais sexualidades do que pensamos poder nomear. O feminismo não nos ajudou apenas a reconhecer uma série de conexões entre discursos, instituições, identidades e ideologias que tendemos a examinar separadamente. Ele também nos ajudou a desenvolver estratégias epistemológicas e de organização que nos levam além das categorias “mulher” e gênero. As metodologias feministas nos impelem a explorar conexões que nem sempre são aparentes. E nos impulsionam a explorar contradições e descobrir o que há de produtivo nelas (Davis, 2018, p.99).

Ambas as canções acima mencionadas recorrem ao tema central do álbum e deste trabalho, a solidão das mulheres negras. Essas faixas, portanto, não só exploram lutas pessoais e financeiras, mas ressaltam a profundidade da experiência de ser uma jovem mulher negra em um mundo frequentemente indiferente às suas dificuldades. Ao fazer isso, SZA cria uma narrativa que toca em questões raciais, pertencimento e resiliência. São várias as solidões da mulher negra, sobretudo, em espaços sociais vinculados ao poder, como por exemplo, no universo acadêmico, derivada da falta de pertencimento a esse ambiente, já que, em sua maioria, mulheres negras periféricas enfrentam dificuldades financeiras e preconceitos sobre a formação escolar, dada a realidade de países que sofreram a colonização europeia. Lélia Gonzalez (2020)

trabalha a historicidade da mulher negra no Brasil, por exemplo, definido como a mucama (período colonial), doméstica (república) e mulata (Carnaval). Os dois primeiros períodos são a mulher negra subserviente ao patrão e, no terceiro, a mulata tendo o único momento de “brilhar” sob os holofotes da avenida, quando também é objetificada sexualmente. A falta de apoio institucional e a subestimação das capacidades intelectuais da mulher negra são barreiras que contribuem para evasão acadêmica e sentimento de solidão nesse meio (BORBA; SILVA; ROSA, 2019)

Entretanto nos limitaremos ao tema principal de seu álbum, dinâmicas amorosas de mulheres negras, percorrendo em cada faixa de seu álbum, trazendo também representações brasileiras que se assemelham a temática do álbum de SZA. O álbum ‘PELE’ da cantora e rapper brasileira N.I.N.A também traz a temática que foi discutida por SZA, porém com o acréscimo das experiências periféricas brasileiras que fomentam a ideia de interseccionalidade antes discutidas. N.I.N.A busca narrar sua história, destacando como perdeu sua beleza ao tentar se adequar aos padrões sociais brancos, a temática solidão, com rimas fortes para falar sobre como busca amor e aceitação em um mundo que não valoriza nem respeita as mulheres negras.

Lélia Gonzalez (2020) aborda como mulheres negras são frequentemente objetificadas e sexualizadas, um tema que permeia não apenas a cultura brasileira, mas também contextos mais amplos de discriminação e marginalização. Essa dinâmica é visível na abertura de "Love Galore", onde SZA expressa a necessidade intensa de amor, refletindo as complexas interações entre desejo, vulnerabilidade e poder nas relações interpessoais.

Eu preciso, eu preciso/ I need, I need
Amor Amor amor amor /Love, love, love, love
Cansei desses caras / Done with these niggas
Eu não amo esses caras / I don't love these niggas
Eu me afasto desses caras /I dust off these niggas
Por que você me incomoda quando sabe que tem uma mulher? (É) / Why you bother me when you know you got a woman? (Yeah)
Por que você me machuca quando sabe muito bem que não deve fazer isso? (Verdade) /Why you hit me when you know you know better? (True) (ROWE, Love Galore, 2017).

SZA retrata uma mulher que anseia por amor e atenção, mas enfrenta um relacionamento turbulento, onde desejo sexual e carência emocional se confundem. A mulher negra muitas vezes é estereotipada e sexualizada na sociedade, frequentemente colocada no papel de amante ou objeto de desejo sexual, enquanto é negligenciada ou excluída das relações afetivas mais institucionais, como é destacado por SZA em sua obra. A figura da mulher negra como objeto de desejo é explorada tanto por González quanto por SZA. Enquanto Gonzalez teoriza sobre a construção social da sexualidade da mulher negra dentro de um contexto histórico e cultural

específico, SZA utiliza sua música para narrar experiências pessoais que revelam as tensões e contradições nas relações afetivas contemporâneas. Essas movimentações de poder heterossexual são evidentes, destacando a violência emocional.

"Drew Barrymore" é uma das faixas mais vulneráveis e sensíveis deste álbum, onde a cantora busca aceitação, confrontando o sentimento de não alcançar a perfeição ou a beleza desejada, comparando-se com outras mulheres.

Será que sou quente o suficiente pra você do lado de fora, amor? É / Am I
warm enough for ya outside, baby? Yeah
Fico tão solitária que esqueço qual é o meu valor / I get so lonely, I forget what
I'm worth
Ficamos tão solitários que fingimos que isso funciona / We get so lonely, we
pretend that this works
Desculpa por não ser mais atraente / I'm sorry I'm not more attractive
Desculpa por não agir mais como uma dama / I'm sorry I'm not more ladylike
Sozinha demais pra deixar que você me trate assim / Lonely enough to let you
treat me like this
Você realmente me ama / Do you really love me
Ou só quer transar comigo (comigo, comigo, comigo)? / Or just wanna love
me down (down, down, down)? (ROWE, Drew Barrymore, 2017).

O título da faixa faz referência à famosa atriz que personificava um ideal feminino para Solona. Considerando que mulheres negras geralmente não são associadas ao feminino devido a fatores sociais e históricos, SZA reitera constantemente a necessidade de se sentir desejada e adequada aos olhos dos outros, destacando também como a solidão pode resultar em relacionamentos fracassados e abusivos, além da deturpação da imagem de si mesma. Essa busca por aceitação e a constante comparação com um ideal de beleza inatingível refletem a crítica da poetiza e cordelista Jarid Arraes (2014) sobre os padrões de feminilidade e beleza que excluem mulheres negras. Aborda como o padrão de beleza é influenciado por preconceitos raciais e sexistas, afetando negativamente as mulheres negras desde a infância. Elas são ensinadas a admirar figuras de beleza predominantemente brancas, o que cria uma expectativa de feminilidade que não as inclui, levando à internalização de um sentimento de interiorização.

Voltando à historicidade da mulher negra no contexto sociocultural brasileiro, Lélia Gonzalez (2020) também destaca que a sexualização histórica da mulher negra, exemplificada pela figura da mucama, e a exaltação temporária da mulata durante o Carnaval escondem uma violência. Essa violência é manifestada na constante necessidade de mulheres negras se provarem desejáveis e dignas de afeto, enquanto enfrentam rejeição e desvalorização em seus afetos.

O mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força

simbólica. E é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha, na ‘mulata deusa do meu samba’”(GONZALEZ, 2020, p. 71)

Assim como SZA expressa em "Drew Barrymore", a solidão resultante do racismo e do sexismo estrutural pode levar a relacionamentos abusivos e à distorção da autoimagem. Gonzalez (2020) enfatiza que a mulher negra, ao ser desumanizada e tratada como objeto, enfrenta dificuldades em ser vista como uma parceira afetiva legítima, perpetuando um ciclo de solidão e dor. Essa insegurança se estende também para dentro de si mesma, principalmente em relação ao seu corpo, como em "Garden (Say Like That)"

Preciso de você para minha sanidade / Need you for my sanity
Eu sei que você preferia estar deitado com uma de bunda grande / I know you'd rather be laid up with a big booty
Corpo positivo porque ela tem um bundão (uau) / Body hella positive 'cause she got a big booty (wow)
Espero que você nunca descubra quem eu sou de verdade / Hope you never find out who I really am
Porque você nunca me amaria, nunca me amaria / 'Cause you'll never love me, you'll never love me
Você nunca me amaria, mas eu acredito quando você fala assim / You'll never love me, but I believe you when you say it like that (ROWE, Garden (Say It Like Dat), 2017).

SZA destaca o temor de seu parceiro de descobrir sua verdadeira essência, gerando insegurança sobre a autenticidade do amor que ela recebe. A música de SZA dialoga diretamente com Lélia Gonzalez, ao enfatizar a espera constante da mulher negra em ser apreciada, uma narrativa que se torna ainda mais tangível no contexto brasileiro, sobretudo durante o Carnaval, quando estrangeiros vêm de fora para testemunhar a exaltação da "nega quente". Essa ideia de ser a "nega quente", essa negra que é constantemente sexualizada, permeia várias faixas do álbum, contribuindo para a adultização precoce de crianças negras, resultante de uma organização social sob as bases do racismo e do sexismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Representações femininas negras na música, principalmente vindo de uma vertente tão política, Hip Hop e R&B, majoritariamente ocupados por homens, exercem uma função social que não só desafia as normas de gênero dentro desses gêneros musicais, mas também oferece uma perspectiva única e necessária sobre questões raciais, culturais e pessoais, enriquecendo o diálogo e promovendo maior diversidade e inclusão na música, possibilitando a autonomia dessas mulheres e realizando a construção de suas histórias pelas suas próprias mãos.

O álbum “CTRL” de SZA é um exemplo notável dessa representação, pois aborda de maneira abrangente e profunda as dinâmicas amorosas de mulheres negras, destacando a

interseccionalidade ao tratar sobre as questões que envolvem a solidão de mulheres negras, influenciada pelo sexismo e pelo racismo dentro da percepção do amor. SZA consegue destacar de forma sucinta as complexidades afetivas dentro de uma sociedade que animaliza, marginaliza e objetifica corpos femininos negros.

Ao analisar cada faixa da obra de SZA, conseguimos observar como cada música se torna uma ferramenta poderosa para a expressão das experiências das mulheres negras, permitindo que elas reivindiquem suas narrativas, além de contribuir para identificação de outras mulheres negras que a ouvem, provocando acolhimento e sensação de pertencimento. Essa análise foi embasada pelas perspectivas teóricas de Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Bell Hooks que ajudam a contextualizar as questões abordadas no álbum dentro de uma estrutura sociocultural.

Além disso, a comparação com a obra da rapper brasileira N.I.N.A. ressalta a universalidade e a particularidade das experiências das mulheres negras em diferentes contextos geográficos e culturais. Ambas as artistas utilizam suas plataformas para abordar temas de solidão, resistência e busca por aceitação, reafirmando a importância da interseccionalidade nas discussões sobre gênero e raça.

Assim, o álbum "CTRL" de SZA não apenas reflete as lutas pessoais e sociais das mulheres negras, mas também oferece uma rica fonte de análise para entender como essas mulheres são construídas através das suas identidades e relações afetivas em um mundo que muitas vezes nega sua humanidade. Este estudo contribui para uma maior compreensão das dinâmicas amorosas das mulheres negras e ressalta a importância de continuar explorando e valorizando suas vozes e experiências na música.

REFERÊNCIAS

ARRAES, J.. **Os padrões de feminilidade e a mulher negra**. Revista Fórum, 5 mar. 2014. Disponível em: <https://sul21.com.br/opiniao/2014/03/os-padroes-de-feminilidade-e-a-mulher-negra-por-jarid-arraes/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

BORBA, C. dos A. *Et al.* **Negra e Acadêmica: A solidão no diálogo entre pares nos espaços de poder**. In: NÚCLEO DE ESTUDO DE GÊNEROS. Caderno Espaço Feminino. Uberlândia, MG | v.32 | n.2 | jul./dez. 2019.

DAVIS, A. Y. **Mulheres, Raça e Classe**. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

GARRETO, R. G. *et al.* **A construção da autoestima das mulheres negras: gênero, racismo e autoestima.**, 1 dez. 2023.

GONZALEZ, L. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira.** In: . Por um Feminismo Afro-Latino-Americano. Flávia Rios, Márcia Lima. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, b. **Vivendo de amor.** Geledés – Instituto da Mulher Negra, s.d. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MIZAEL, T. M. *et al.* **Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura.** Revista da ABPN, v. 13, n. 38, p. 212-239, 2021. DOI: 10.31418/2177-2770.2021.v13.n.38.p212-239. ISSN 2177-2770.

NASCIMENTO, B. **Mulher negra e o amor.** In: Uma história feita por mãos negras. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VIEIRA, C. G. G. **Experiências de solidão da mulher negra como repercussão do racismo estrutural brasileiro.** *Revista Eletrônica*, ano, vol. x, n. y, p. 292-300, mês ano.